

Uso e potencial da fotoetnografia para os estudos turísticos

Anna Carolina Fernandes Serra^a
Danielle Fernandes Costa Machado^b
Mirna de Lima Medeiros^c

Resumo

Considerando que as pesquisas turísticas têm se aprofundado em questões de cunho social e, com isso, buscam ferramentas que aproximem o pesquisador das realidades estudadas, o objetivo deste artigo é apresentar uma discussão sobre a adequação da fotoetnografia enquanto recurso metodológico útil ao desenvolvimento de pesquisas acadêmicas na área de turismo e hospitalidade, especialmente quando há ênfase em manifestações socioculturais. Esse objetivo foi alcançado por meio de um ensaio teórico combinado com pesquisa empírica utilizando a metodologia para demonstrar sua adequação. A etapa empírica foi realizada na cidade de Chapada do Norte (MG), uma comunidade remanescente de quilombos no Vale do Jequitinhonha, registrando a principal festa tradicional da cidade. Utilizamos as etapas da técnica fotoetnográfica propostas pelo antropólogo Achutti e, a partir de 1.300 registros fotográficos próprios, elaboramos uma narrativa fotoetnográfica composta por 31 imagens. Por fim, conjugando as etapas teórica e empírica, destacamos os potenciais, vantagens e limitações da técnica fotoetnográfica. Conclui-se que a metodologia se revela eficaz e pode ter diversas aplicações para os estudos em turismo e hospitalidade, especialmente em relação a manifestações socioculturais. Tem-se como limitação o não aprofundamento quanto a fenômenos e espaços naturais.

Palavras-chave: Metodologia; Fotoetnografia; Antropologia; Turismo; Processos socioculturais.

Abstract

Use and potential of photoethnography for tourism studies

Considering that tourism studies have been focusing on social issues and searching for tools to bring the researcher closer to the studied realities, this article aimed to discuss the suitability of photoethnography as a methodological resource for the development of academic research in the area of Tourism and Hospitality, especially when socio-cultural manifestations are emphasized. We achieved this objective with a theoretical essay combined with empirical research using the methodology to prove its suitability. The empirical stage was carried out in the municipality of Chapada do Norte, a remnant *quilombo* community in the Jequitinhonha Valley, registering the main traditional festival of the city. We used the photoethnographic technique stages proposed by the anthropologist Achutti and, from our 1300 photographic records, we elaborated a photoethnographic narrative composed

- a. Bacharelado em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: anna_bouvier@hotmail.com
- b. Doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente de Bacharelado em Turismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: daniellefcm@gmail.com
- c. Pós-Doutorado em Administração pela Universidade de São Paulo. Docente de Bacharelado em Turismo; Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná, Brasil. E-mail: mirnadelimamedeiros@gmail.com

of 31 images. Finally, combining the theoretical and empirical steps, we highlighted the potentials, advantages, and limitations of the photoethnographic technique. We concluded that the methodology is effective and may have several applications for studies in Tourism and Hospitality, especially regarding socio-cultural manifestations. However, it lacks depth into natural phenomena and spaces.

Keywords: Methodology; Photoethnography; Anthropology; Tourism; Sociocultural processes.

Resumen

Uso y potencial de la fotoetnografía para estudios turísticos

Considerando que las investigaciones turísticas se han profundizado en temas sociales y, con eso, propician herramientas para que el investigador se acerque a las realidades estudiadas, el presente artículo tuvo como objetivo presentar una discusión sobre la adecuación de la fotoetnografía como herramienta metodológica útil para el desarrollo de investigaciones académicas en el área de turismo y hospitalidad, especialmente cuando se hace énfasis en las manifestaciones socioculturales. Este objetivo se logró mediante un ensayo teórico combinado con una investigación empírica utilizando la metodología para demostrar su adecuación. La etapa empírica se llevó a cabo en Chapada do Norte (Brasil), una comunidad quilombola remanente en el Vale do Jequitinhonha, registrando la principal fiesta tradicional de la ciudad. Utilizamos las etapas de la técnica fotoetnográfica propuesta por el antropólogo Achutti y, a partir de 1.300 registros fotográficos propios, elaboramos una narrativa fotoetnográfica compuesta por 31 imágenes. Finalmente, de los pasos teóricos y empíricos, destacamos las potencialidades, ventajas y limitaciones de la técnica fotoetnográfica. Concluimos que la metodología se muestra eficaz y puede ser aplicada en estudios de turismo y hospitalidad, especialmente en lo que se refiere a las manifestaciones socioculturales. Sin embargo, presenta como limitación la falta de estudio a profundidad en los fenómenos y espacios naturales.

Palabras clave: Metodología; Fotoetnografía; Antropología; Turismo; Procesos socioculturales.

INTRODUÇÃO

“Acredito sinceramente que existem coisas que ninguém veria,
se eu não as tivesse fotografado.”

Diane Arbus

A fotografia é uma linguagem universal que tem ganhado espaço devido à sua capacidade não somente de suporte, mas também de transmitir informações particulares, despertar emoções e trazer à tona diversos dados que, muitas vezes, apenas o texto escrito não consegue transmitir. Sociólogos e antropólogos, bem como estudiosos de outras áreas, conectam a fotografia com o fazer científico. Essa junção tem se revelado eficiente em pesquisas qualitativas, pois é capaz de unir a análise imagética e a interpretação etnográfica em um só instrumento, e nela nasce a antropologia visual e, conseqüentemente, a fotoetnografia.

As pesquisas turísticas têm se aprofundado em questões de cunho social e, com isso, buscado ferramentas que aproximem o pesquisador das realidades estudadas. Encontramos na fotoetnografia, uma metodologia que abre horizontes para essas pesquisas. Assim, o presente trabalho tenta compreender “A técnica de fotoetnografia é uma metodologia de investigação adequada para basear estudos área de turismo e hospitalidade?”. No intuito de responder essa questão, o estudo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre a adequação da fotoetnografia enquanto recurso metodológico útil ao desenvolvimento de pesquisas acadêmicas na área de Turismo e Hospitalidade, especialmente quando há ênfase em manifestações socioculturais. Para que essa discussão seja completa, fez-se necessário especificamente: discutir a base teórica relacionada ao uso da fotografia em pesquisas, especialmente as antropológicas; verificar a utilização da fotoetnografia nas pesquisas em Turismo; aplicar empiricamente o método e, por fim, realizar considerações e recomendações, decorrentes dessa vivência empírica e da discussão teórica, para a aplicabilidade no âmbito da área em questão.

O valor científico da fotografia começou quando foi usada na botânica e zoologia para análise e registro de plantas e insetos, ainda na década de 1840. Lima (1988) destaca aspectos positivos da fotografia: permite fixar e divulgar as outras formas de comunicação e expressão, de maneira impressa e em larga escala; possui também duração, fácil manutenção e manuseio. Assim, o autor entende que a fotografia se constitui como uma fonte rica e permanente de pesquisa. Para Santos (2000), ora a fotografia se apresenta como fonte de dados em si mesma, ora como objeto de pesquisa, mas que também pode ser instrumento e resultado. É nesse contexto que a fotoetnografia consegue incorporar fotografias nas pesquisas de forma não só criativa, mas como facilitador que dá significado aos dados coletados, facilita novas produções de sentido e sugere olhares específicos.

Elicher, Fraga e Moraes (2021) destacam que a fotografia está relacionada ao turismo desde o surgimento das primeiras câmeras e dos *tours* (já que as práticas e discursos fotográficos servem para representar o turismo e as viagens assim como as viagens e o turismo estão ligadas às práticas fotográficas, entre outras questões), seu uso enquanto meio para pesquisa é recente e ainda enfrenta certa resistência.

As metodologias que utilizam a imagem como objeto válido de investigação em turismo incluem: iconografia fotográfica, semiótica verbivisual, fotoetnografia, análise de conteúdo, VEP (*volunteer-employed photography*), Foto Elicitação; ZMET (*Zaltman metaphor elicitation technique*), entre outros (Elicher, Fraga & Moraes, 2021; Godoy & Leite, 2019). As pesquisas envolvem desde compreender o imaginário projetado do lugar (como em Garrod, 2009), passando por aspectos que influenciam na decisão do turista na escolha de destinos (tal qual Lo et al., 2011), aspectos da vida cotidiana (como a descrição de modos de produção dos ceramistas de Teresina retratado por Cantalice e Alencar, 2019), até significados atribuídos a uma experiência (como em Nguyen, 2021), características percebidas de um destino (conforme realizado por Garrod, 2008), e fenômenos-sócio-espaciais (conforme ocorre em Manosso e Gândara, 2006). Fato é que essas pesquisas indicam que as fotografias podem enriquecer as análises ou até trazer dados que não seriam captados por outros meios.

Banks (2009, p.18) corrobora com essa constatação ao mencionar que “o estudo de imagens ou um estudo que incorpore imagens na criação ou coleta de dados pode ser capaz de revelar algum conhecimento sociológico que não é

acessível por nenhum outro meio”. Assim, entende-se que as pesquisas em turismo, principalmente as de cunho sociocultural, se tornam mais densas quando carregam essa amplitude de visão, agregando métodos capazes de elucidar e desvendar questões que, muitas vezes, não são possíveis com métodos de pesquisa tradicionais.

Após a presente introdução, inicia-se a exposição teórica da proposta metodológica percorrendo brevemente as bases conceituais da fotoetnografia (antropologia, antropologia visual e etnografia) para, em seguida, expor a metodologia fotoetnográfica. A seção empírica traz uma aplicação da metodologia decorrente de campo realizado no mês de outubro de 2019 em Chapada do Norte (MG), comunidade remanescente de quilombos no Vale do Jequitinhonha, registrando a “Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos”. Por fim, com a junção dessas etapas, sintetizamos as vantagens e limitações dessa técnica. Encerra-se o artigo com as considerações finais e a listagem das referências utilizadas.

BASES CONCEITUAIS DA FOTOETNOGRAFIA

A antropologia pode ser entendida como o estudo do homem e das relações sociais entre eles. Não se trata apenas do estudo de tudo que compõe uma sociedade, mas sim do estudo de todas as sociedades humanas, das culturas da humanidade como um todo em suas diversidades históricas e geográficas (Laplantine, 2003). As questões que permeiam as pesquisas antropológicas se baseiam em entender novas hierarquias de valor e não sobrepor valores culturais e rebaixar outros, dando voz aos nativos e buscando entender como se dá a criação de valores e sua maneira de lidar com o mundo, com o espaço e etc.

Considerado o pai da antropologia, Bronislaw Malinowski (1884 - 1942) propôs o método de pesquisa pautado na observação participante chamado “etnografia”. Além do mérito do conteúdo e riqueza de imagens de sua obra, a forma de pesquisa “[...] tornou-se um modelo de investigação etnográfica adotado por várias gerações de antropólogos que, mesmo diante das dificuldades de acesso ao campo, carregavam em suas bagagens as pesadas câmeras fotográficas e os equipamentos acessórios para a sofisticada operação” (Campos, 1996, p.278).

Ainda que para algumas disciplinas das ciências sociais a “etnografia” seja simplificada à observação do comportamento natural das pessoas em seu próprio ambiente, para muitos antropólogos sociais significa muito mais, implicando um comprometimento com as vidas das pessoas e envolvendo encontros e observações em múltiplos níveis (Banks, 2009). A etnografia “[...] consiste em se esforçar para realizar um trabalho de pesquisa interpretativa, visando a uma composição que mostre a singularidade cultural de um determinado grupo social ou de subgrupos que vivem em sociedades diversas” (Achutti, 2004, p. 93). É, portanto, descrever pela interpretação do pesquisador o que está ocorrendo no contexto pesquisado. “Diferentemente de métodos qualitativos mais formais, na etnografia a produção de dados deriva, sobretudo, do enfrentamento e aproveitamento do imprevisível no trabalho de campo” (Caiafa, 2019, p.37).

Soma-se a isso a valorização da diversidade e ausência de preconceitos (Andrade, 2002; Cavedon, 2001), já que, “fazer etnografia significa ir a campo munido de uma

sólida bagagem teórica, mas desprovido de qualquer preconceito, significa viver a realidade da comunidade pesquisada, utilizando-se da técnica da observação participante, implica estar com todos os sentidos a flor da pele” (Cavedon, 2001, p.2). O pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte “não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo”, mas para, por meio de uma relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e buscar um modelo novo de entendimento “ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente” (Magnani, 2009, p.135).

Malinowski (1984) sugere cinco procedimentos que devem ser realizados durante uma pesquisa etnográfica: 1) Observar os imponderáveis da vida social; 2) Fazer mapeamento; 3) Fazer entrevistas; 4) Observar a vida social; e 5) Estar inserido completamente na cultura estudada. O autor destaca ainda a importância da minuciosidade, sensibilidade e honestidade da coleta de dados na etnografia, e como essa coleta se enriquece ainda mais quando existe uma diversidade de ferramentas.

A coleta de dados em uma etnografia deve ser rigorosa e plural, portanto, pressupõe novos instrumentos de análise, além do uso do texto escrito. O autor destaca a importância do uso da fotografia nos trabalhos antropológicos e também o enriquecimento que ela pode trazer “à descrição muito particular de um dado, este por sua vez também muito particular e de uma complexidade extrema, como a cultura” (Achutti, 2004, p. 83). Aponta-se que, apesar de a maioria dos etnógrafos carregarem e utilizarem câmeras como meio para reunir e apresentar informações e percepções durante o trabalho de campo, a produção de fotoetnografias é bem limitada (Wright, 2018; Ferrarini, 2020).

Na antropologia, existem várias subdivisões. A fotoetnografia, foco deste trabalho, pode ser considerada como um campo de estudos dentro da antropologia visual. Conforme Lima (2005, p.3), a fotoetnografia “pode ser definida como uma antropologia visual, ou seja, a descrição de uma sociedade, de uma determinada cultura, de um determinado nicho social; a partir do uso de imagens fotográficas. É fazer uma etnografia a partir da fotografia”. A fotografia nessa proposta vai além do papel ilustrativo, tem significados e narrativas intrínsecas que textualmente não são facilmente alcançadas (Ferrarini, 2020).

“Usamos rotineiramente as imagens como linguagem para descrever, comentar, interpretar, rir, cativar ou ironizar os outros. No entanto, pouca atenção tem sido dada à forma como essas tecnologias foram incorporadas aos métodos de pesquisa” (Hermansen & Fernández, 2020, p.100). Na seção que se segue, comentamos o uso da fotografia nas pesquisas em Turismo e nos dedicamos a explicar a metodologia fotoetnográfica.

METODOLOGIA FOTOETNOGRÁFICA E SUA UTILIZAÇÃO EM TURISMO

“A câmara é um instrumento que ensina a gente a ver sem câmara.”

Dorothea Lange

Na sociedade contemporânea, as imagens são onipresentes (Banks, 2009), então, todo estudo sobre a sociedade pode, de certo modo, considerar imagens

como fonte de dados para sua compreensão. Segundo o autor, a adoção de elementos visuais nas ciências sociais pode se dar principalmente por duas vertentes que não são mutuamente exclusivas: criação de imagens (dados visuais como vídeos, fotografias, desenhos, diagramas etc.) pelo investigador como meio de documentar ou analisar aspectos da vida e interações sociais; e recolha e estudo de imagens produzidas e/ou consumidas pelos sujeitos da pesquisa.

“A foto não é apenas o resultado de um processo ou equipamento, mas também produto da intenção, seleção, edição, acaso, desejo, convenção e ideologia: um objeto cultural, ou seja, o resultado da vontade e do interesse humanos” (Nickel, 2014, p.400). Além disso, possui algumas características próprias:

[...] a) é um registro documental por representar a realidade; b) é artística por criar emoções; c) é textual por transmitir ideologias e valores. Diante da fotografia o espectador recebe informação (função epistêmica), sensações (função estética) e representações socioculturais (função simbólica), o que permite ao homem reafirmar e precisar a sua relação com o mundo da imagem (Cavedon, 2005, p. 16).

Nesse sentido, quando o sujeito de pesquisa produz conteúdo fotográfico, suas subjetividades podem ser analisadas através do que ele enfoca em suas lentes. Por outro lado, quando o material é produzido pelo pesquisador, pode-se utilizá-lo tanto como suporte narrativo (dado complementar ao texto), quanto como uma narrativa em si, “uma narrativa imagética capaz de preservar o dado e convergir para o leitor uma informação cultural a respeito do grupo estudado” (Achutti, 1997, p.14).

O potencial narrativo que existe na fotografia é o ponto chave da técnica fotoetnográfica. Contudo, a fotografia se torna fotoetnografia “quando a fotografia é utilizada como instrumento principal na realização de um trabalho etnográfico” (Boni & Moreshi, 2007, p.138). As fotografias devem ter uma intencionalidade para que não se percam em meio aos textos. Mais do que registrar fatos, o uso das fotografias em pesquisas antropológicas precisa narrar o olhar sobre o outro, deixando que a percepção venha através das imagens. As fotografias devem “ser objeto de construções sob forma de sequências e de associações de imagens, tendo por objetivo treinar o leitor a praticar outras associações para nelas encontrar um significado” (Achutti, 2004, p. 95). E nessa construção de uma descrição visual, “as fotografias no resultado final, devem formar um todo” (Achutti, 2004, p.108). Cada fotografia deve ter sua importância quando “lida” individualmente e, ao mesmo tempo, deve compor uma sequência de fotografias que, no seu conjunto, possa ser compreendido de forma singular (Da Fonseca et al., 2018).

Para realização da fotoetnografia, é necessário que a pesquisa seja devidamente sistematizada para construção da chamada narrativa fotoetnográfica. Assim, Achutti (2004) faz algumas ressalvas sobre a narrativa fotoetnográfica, entre as quais destacam-se: que a fotoetnografia “deve se apresentar na forma de uma série de fotos que estejam relacionadas entre si e componham uma sequência de informações visuais” (p.109). “A complementaridade entre texto e fotografia em um mesmo trabalho pode ser interessante, mas para isso é fundamental que esses dois meios componham dois momentos independentes e

solitários a serviço daquilo que o pesquisador quer transmitir” (p.110). O autor deixa claro que a fotografia é a ferramenta principal de narrativa. Não haveria, portanto, a necessidade de textos intercalados já que esses tirariam a atenção do leitor. O ideal é que as imagens e leituras sejam apresentadas em momentos diferentes, atribuindo às imagens registradas uma autonomia maior. Além disso, o autor destaca que “[...] as fotografias não são fáceis de ler, dependem da motivação afetiva do leitor” (p.110). Assim, para elaboração e compreensão da fotoetnografia torna-se necessária a sensibilidade. Analisar as fotografias, deixando-se tocar pela emoção é algo imprescindível para compreensão dessa linguagem. Por fim, ele organiza o método fotoetnográfico com base em 6 etapas resumidas no quadro 01 adiante.

Em síntese, a prática fotoetnográfica se sustenta sob dois domínios: o da fotografia (seus equipamentos e técnicas em si) e do universo pesquisado, observando-se o intenso envolvimento do pesquisador. “Combinar de modo adequado os dois saberes requer habilidade e disposição por parte do pesquisador, uma vez que, no caso da fotoetnografia, o pesquisador não estará realizando um processo ilustrativo, mas sim a própria narrativa dar-se-á pela via do imagético” (Cavedon, 2001, p.3).

Quadro 1 - Etapas do método fotoetnográfico

Etapa	Síntese
A fotoetnografia em campo	Gerir e explorar os recursos fotográficos é essencial para que o pesquisador consiga construir uma narração visual eficaz. Portanto é importante a prática com o instrumento de trabalho, no caso a câmera fotográfica, para que a obra do pesquisador não seja superficial e assim consiga elaborar uma narração eficaz e com informações visuais interpretativas. É necessário também ter intenções bem resolvidas em campo para que, conseqüentemente, as fotografias sejam de claro entendimento e componham uma seqüência de fotos.
Os procedimentos iniciais	Inicialmente o pesquisador deve se apresentar à comunidade fotografada como um pesquisador que está ali registrando-a e não simplesmente um fotógrafo, para assim, separar-se da ideia de um repórter fotográfico. Outro ponto importante é o cuidado que o pesquisador deve ter de não colocar um abismo entre os fotografados, mas sim estabelecer diálogos e interações de forma natural sem que o pesquisador use a câmera como o centro, como uma proteção ou um objeto incômodo para os outros.
O trabalho em equipe	O pesquisador que se utiliza da fotografia não deve deixar de lado as anotações de campo. Caso não domine técnicas e equipamentos ou ainda não haja uma situação ideal para a técnica fotoetnográfica, é possível trabalhar em conjunto com um fotógrafo, porém, certificando que ele está familiarizado com a antropologia e consiga seguir o que foi proposto pelo pesquisador etnógrafo.
A iluminação	A iluminação contém informações importantes sobre o tema estudado e com isso deve-se evitar o uso do <i>flash</i> , por falsificar a realidade da iluminação no momento fotografado. Ele sugere o uso de outros recursos para contornar situações com pouca luz como por exemplo um tripé.

(continua...)

Quadro 1 - Continuação.

Etapa	Síntese
A seleção das fotografias	Deve-se fotografar sempre sabendo seu objetivo final que é realizar fotografias que formem um conjunto e afirma que não se deve apressar nesse processo de seleção. É no processo que o pesquisador consegue eliminar, substituir ou acrescentar fotografias para formar sua narração. Na fotografia não é necessário respeitar a sequência cronológica desde que não se perca a coerência.
Algumas questões de deontologia	Esse ponto, diz respeito ao que é moralmente necessário e importante e tem intuito de nortear o que realmente cabe ao pesquisador que está por exercer um trabalho etnográfico, nas relações com o outro. Um exemplo disso é ter consciência no que é ético na fotografia, pois ao fotografar o outro, é indispensável o consentimento do fotografado. Ademais, a submissão do projeto de pesquisa a um comitê de ética contribui para qualidade da pesquisa e salvaguarda dos interesses, da integridade e dignidade dos sujeitos envolvidos.

Fonte: Elaborado com base em Achutti, 2004.

Especificamente na área do Turismo, Santos Jr. e Santos (2007) apontam que foram encontradas diversas formas de utilização das fotografias como: segmentação de mercado; elemento educacional; manifestação artística; mecanismos de marketing; pesquisa de campo; preservação da memória; ferramenta de planejamento; e monitoramento das atividades e processos que podem ser trabalhadas pelos profissionais da área. Esse uso decorre principalmente de três funcionalidades: a) Material de pesquisa de campo, cuja abrangência estaria tanto para peritos quanto para pesquisadores que necessitam de acervo comprobatório para o aprofundamento de suas teorias e assertivas, configurando-se também num mecanismo para apresentação dos dados coletados; b) Registro de fatos: Uma imagem pode denunciar fatos importantes ou até mesmo contribuir para a solução ou desencadeamento de um conflito; e c) ferramenta de planejamento através, por exemplo, das fotografias aéreas e técnicas científicas com apelo para infraestrutura, recurso natural, atividades produtivas, urbanização e cenário de desenvolvimento.

Godoy e Leite (2019, p.77), ao discorrerem sobre as tendências metodológicas e possibilidades de uso das metodologias visuais, destacam a falta de uso dessas metodologias na área:

As pesquisas que utilizam metodologias de análise de imagem, em geral, são predominantes nos campos da Linguística, Psicologia, Antropologia e do Marketing. São raros os livros de metodologia em turismo que apontam tais metodologias como possíveis caminhos para a pesquisa na área. Deve-se ponderar também o fato de o turismo ser uma área de estudo relativamente nova – por isso, aos poucos, começa a se lançar a novos caminhos teóricos e metodológicos, especialmente no que diz respeito às investigações de alcance nacional.

As autoras (Godoy & Leite, 2019) apontam, contudo, que a fotoetnografia vem lentamente ganhando espaço e já se encontrando em quarto lugar, dentre as 7 categorias analisadas em seu estudo: Análise de conteúdo; Semiótica;

Antropologia Visual/Fotoetnografia; VEP; Foto Elicitação; ZMET; Outras metodologias de análise de imagens. Elas encontraram cinco trabalhos que utilizam fotoetnografia entre os anos de 2012 e 2017 nos periódicos analisados, mas não listam quais são eles. Apontam apenas dois nos quais verificaram que as fotografias não partem somente da câmera do antropólogo, mas também da comunidade ou dos turistas. Os pesquisadores (Balomenou e Garrod, 2014 e Santos, 2016) combinaram a fotoetnografia ao método VEP (*volunteer-employed photography*), buscando construir narrativas com o olhar dos próprios sujeitos pesquisados (Godoy & Leite, 2019).

Encontrou-se também os trabalhos de Bandyopadhyay (2011) e Kay (2019) que mencionam ter utilizado a fotoetnografia no âmbito do turismo. Bandyopadhyay (2011) apresentou uma breve fotoetnografia do “turismo como neo-colonialismo” em seu artigo. Já Kay (2019) menciona ter utilizado a fotoetnografia em seu projeto sobre a participação da comunidade na gestão do patrimônio entre locais turísticos históricos em Kuala Lumpur, no entanto, o artigo não a apresenta. Não há nenhuma imagem no mesmo.

APLICAÇÃO EMPÍRICA: UM ESTUDO EM CHAPADA DO NORTE

“Você não fotografa com sua máquina. Você fotografa com toda sua cultura.”

Sebastião Salgado

Essa seção se dedica a apresentar a aplicação empírica da metodologia fotoetnográfica de forma a ilustrar sua utilidade no âmbito do Turismo e Hospitalidade. Ainda que um exemplo seja incapaz de contemplar a multiplicidade de potenciais usos, o exercício aponta uma possibilidade. Entende-se que o uso de fotografias é adequado nas pesquisas em Turismo quando uma descrição escrita é insuficiente para que o leitor “enxergue” à realidade em estudo. Além disso, a etapa empírica buscou permitir que as discussões teóricas quanto à técnica fossem realizadas com propriedade de quem vivenciou suas benesses e dificuldades.

A pesquisa empírica se propôs a descrever as singularidades culturais inerentes à Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte (MG). E, conforme a proposta de Achutti (2004), a ideia é que as próprias imagens sejam capazes de traduzir o evento, motivo pelo qual a apresentação da cidade e da própria festa são sucintas. A fotografia é entendida como “[...] forma específica de escrita, nem melhor, nem pior que as outras, apenas diferente” (Achutti, 2004, p.81).

Da Fonseca et al. (2018) destacam que não existe protocolo definido para a operação do método fotoetnográfico, mas que os pressupostos da etnografia somados aos alertas técnicos de Achutti podem guiar o pesquisador. Se propõe “um olhar de perto e de dentro”, a partir dos arranjos dos próprios atores sociais e de como estabelecem encontros e trocas nas mais diferentes esferas (Magnani, 2009). No caso específico, destacando-se a religiosidade, trabalho e cultura local. Além disso, a paisagem em que essas práticas se desenvolvem devem ser encaradas não como mero cenário, mas como parte constitutiva do recorte de análise (Magnani, 2009).

Desse modo, para execução da etapa empírica foram seguidos os seguintes passos:

- 1) Preparação para o trabalho de campo, que conforme Eckert e Rocha (2008) implica inúmeras etapas, entre as quais a construção do próprio tema e objeto de pesquisa, e por isso envolveu uma breve pesquisa sobre o evento, mas, além disso, também envolveu preparo do equipamento e reflexão com relação ao formato de exibição pretendido e ocasiões a serem fotografadas conforme, sugerido por Achutti (1997);
- 2) Observação direta: para inserir-se no grupo pesquisado é necessário aproximação e concordância (Eckert & Rocha, 2008). No caso da nossa pesquisa, a presença constante da pesquisadora (que tem familiares na cidade) não causou tanto estranhamento. Apesar disso, antes do início do festejo popular, as principais lideranças comunitárias e organizadores do evento foram comunicadas sobre os objetivos da pesquisa e concederam autorização para que o registro fotográfico fosse realizado. Os registros fotográficos do evento foram realizados em meio a um grande número de pessoas durante a festa e no transcorrer dos acontecimentos cerimoniais. Buscou-se “estar atento(a) as regularidades e variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais para além das suas formas institucionais” (Eckert & Rocha, 2008, p.04)
- 3) O exercício da escrita fotográfica e arquivamento. Após a coleta de dados, o pesquisador encontra-se munido de diversos materiais (fotografias, notas de campo, etc.) que deve revisar interpretando e selecionando a forma de apresentar tal interpretação (Da Fonseca et al., 2018). Na presente pesquisa foi realizada uma composição que ao mesmo tempo que se faz sintética, parece suficiente para demonstrar a “totalidade” preconizada por Magnani (2009). Optou-se por elaborar a narrativa “final” (após a experiência etnográfica), e não interromper a fluidez do evento. Posteriormente, as pessoas que foram fotografadas em primeiro plano durante os registros fotográficos da pesquisa foram contatadas e assinaram o termo de consentimento de uso da imagem. Essa solicitação foi realizada para se ter uma garantia adicional sobre o uso dessas imagens e também como forma de devolutiva do estudo aos retratados. Entretanto, como a finalidade das fotografias é acadêmica e não comercial, ressaltou-se que ela não provoca dano e nem fere a privacidade dos fotografados. Ademais, por se tratar de imagens produzidas durante um evento público, o termo de consentimento de uso da imagem não é obrigatório, conforme interpretação do artigo 5º, inciso X, referente ao direito à privacidade da Constituição Federal Brasileira (Mendes, Branco & Coelho, 2010).

Com relação à apresentação da narrativa há diferentes opiniões com relação a inserção de textos e/ou legendas acompanhando as imagens. Já foram utilizadas diferentes “estratégias como a proposição de ensaios visuais e escritos paralelos, legendagem, uso de citações dos assuntos ou eliminação total de informações textuais” na composição de boas fotoetnografias (Ferrarini, 2020, p.181)

Wright (2018) cita alguns exemplos de estilos distintos, mas que conseguiram igualmente ser narrativas poderosas: a) fotografias ficam sozinhas, sem texto

explicativo, as legendas que dão apenas o local e o dia; b) o autor expõe a composição das imagens e coloca legendas apenas ao final, em uma lista separada antecedendo a bibliografia; c) combina-se fotos e texto de maneiras que ambos tenham mesmo peso em um diálogo ativo.

Ferrarini (2020) destaca o risco de tornar a imagem subordinada a outras mídias (como o texto), descaracterizando a fotoetnografia. O autor aponta ainda que a fotografia deve ser integral e essencial e não suplementar. Para esse fim, utiliza a fotografia e textos em seus trabalhos de três diferentes formas: como uma sequência fotográfica que segue o ensaio escrito, separa-se as fotografias do texto e não utiliza legendas ou outras formas de descrição verbal do conteúdo das imagens; com fotografias diretamente integradas no texto, com as imagens aproximadamente na área do texto a que se referem, mas não tão de perto a ponto de precisarem ser examinadas diretamente após um parágrafo sobre elas; e com a narrativa conduzida pelas fotografias, cada uma acompanhada por uma legenda básica e periodicamente intercalada por texto.

Entende-se que uma pesquisa fotoetnográfica pode complementar outras pesquisas e fontes de informação sobre determinado objeto de pesquisa. A escolha das articulações da fotografia com outras mídias (texto ou até mesmo som e vídeo) depende tanto dos propósitos da pesquisa, como das intencionalidades do autor, conforme mencionado por Ferrarini (2020). Tendo em vista a normalização do periódico e também o caráter didático que o presente artigo pode ter, optou-se por utilizar legendas simples, descrevendo local e data, durante a exposição das imagens e fazer um breve texto introdutório à cada bloco de exposição fotográfica. Ademais, considerando as características desse paradigma de pesquisa apresentado nas seções 2 e 3, a narrativa que do evento dar-se-á em primeira pessoa do singular, destacando a influência do sujeito-pesquisador nas escolhas e resultado da pesquisa. Destaca-se, portanto, que os resultados obtidos foram analisados sob uma perspectiva de turismóloga e fotógrafa com vínculo familiar com o local de pesquisa.

Breve resumo sobre a cidade, a festa e a experiência

Decorrente de minha jornada e formação enquanto turismóloga e atuação há mais de 7 anos como fotógrafa, tentei, por diversas vezes, entender a união dessas duas áreas: fotografia e turismo. Então, apesar da proposta inicial de pesquisa ser de discutir as possibilidades da fotoetnografia, escolhi entender na prática a aplicação da metodologia e, para isso, no mês de outubro de 2019, fui a campo em Chapada do Norte que é um município mineiro do Vale do Jequitinhonha com aproximadamente 15.189 habitantes (IBGE, 2010).

É uma cidade histórica, remanescente de escravos, com sua identidade expressa na arquitetura, cantos, festas típicas, culinária, artesanatos e costumes. A maior parte da minha família reside nessa cidade, cresci visitando-a quase todos os anos, juntamente com meus avós, irmãs e mãe e chegamos até a morar por um ano na cidade. Meus avós adquiriram uma casa própria em Chapada, onde ficamos quando passamos férias. Contudo, nunca cheguei a vivenciar a fundo, a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Por isso resolvi fazer uma imersão nessa festa, vivenciando as práticas religiosas e tradicionais.

As pessoas que visitam Chapada do Norte, no médio Jequitinhonha, em dias comuns, não imaginam que, no segundo domingo do mês de outubro, o pacato município, constituído por ruas singelas e calmas, transforma-se em uma grande apoteose. A cidade, distante 522 km da capital Belo Horizonte e localizada às margens do Rio Capivari, vive, nesse período, a materialização da fé, um momento de devoção e de alegria. É a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte, que reúne milhares de pessoas vindas das mais distantes regiões do estado e do país para saudar a Virgem do Rosário. São pessoas comuns, devotos, mascates, moradores da cidade e da região, turistas e tantos outros que são atraídos pela movimentação local. (IEPHA, 2013, p.13)

A festividade se tornou bem imaterial registrado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) em 2013 e é descrita:

A Festa de Nossa Senhora do Rosário, como tantas outras que ocorrem pelo interior de Minas Gerais e do Brasil, tem sua ascendência na cultura afro-brasileira e na história de resistência dessa população. Os valores próprios do sincretismo religioso, da oralidade, da culinária, da musicalidade são os elos das populações escravas negras, que foram fundamentais na história e na formação das Minas Gerais. (IEPHA, 2013, p.13)

A festa típica é o maior orgulho da cidade, os organizadores conseguiram manter várias tradições o mais fiel possível das raízes quilombolas. Nos dias de festa, a cidade recebe visitantes de várias cidades do entorno, e principalmente os chapadenses que moram em São Paulo e Belo Horizonte que retornam à cidade natal nessa época. A programação da festa é diversa, dividida entre as celebrações de origem religiosa e quilombola e as atrações proporcionadas pela prefeitura: Meio-dia, Novenas, Leilões, Lavação da Igreja, Quinta do Angu, Buscada da Santa, Mastro a Cavallo, Reinado, Missa da Festa, Distribuição do Doce, Coroação, Buscada do Cofre/Recolhimento de Anuais, Feira de Mascates, Atrações Noturnas, Tamborzeiros, Congada.

Foram feitas aproximadamente 1.300 fotografias, não sendo possível registrar todos os momentos da festa devido a fatores como: problemas de saúde, escassez da água na cidade que atrapalhou o cronograma que eu havia feito e as limitações do meu equipamento fotográfico. Depois de concluir minha experiência, meu processo de seleção das fotografias se deu da seguinte forma: deletei as fotografias que continham erros de execução como falta de foco, iluminação inadequada, tremidas etc. Em seguida, excluí as fotografias repetidas, já que escolho por fotografar no modo de velocidade alta do obturador para captar as imagens em sequência. Por fim, selecionei as fotografias de cada momento da festa que mais resumisse o que eu presenciei ou que englobasse uma perspectiva da festa mais descritiva, ou seja, registros que permitissem a compreensão do conteúdo visual pelo o leitor.

Optei por deixar algumas imagens monocromáticas e a razão disso é que, na fotografia, o preto e branco é muito usado quando se quer destacar emoções ou quando pretendemos ir além das cores. As cores ofuscam detalhes, tornam nosso olhar mais confuso, sem saber onde se concentrar. Quando existe ausência de cores, tendemos a nos concentrar na luz do ambiente, nos traços, texturas e minúcias, fazendo com que as fotos monocromáticas causem impacto ao serem observadas. Outro motivo pelo qual transformo as fotografias em monocromáticas, é quando sinto que o momento registrado carrega um drama que merece ser ressaltado, e as cores acabam ofuscando esse sentimento que poderia ser transmitido.

Por fim, deixei as fotos em grupos, seguindo a orientação de Achutti para manter a narrativa. A seguir, serão expostas as principais fotografias, no total de 31 que resumem alguns dos momentos mais significativos e marcantes da festa.

Fotoetnografia da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte (MG)

Para não nos distanciarmos da proposta metodológica defendida por Achutti (2004), optamos por apresentar a narrativa fotoetnográfica de modo a destacar as imagens. Assim, nesta seção iremos apresentar pequenos textos descritivos e introdutórios sobre algumas das principais celebrações e rituais da Festa de Nossa Senhora do Rosário, seguidos pelos registros fotográficos capturados em campo. Ressaltamos que as imagens selecionadas não são meramente ilustrativas e foram selecionadas de forma criteriosa para dar sentido à narrativa fotoetnográfica proposta.

Todas as percepções tidas em campo, referente a aplicação da metodologia fotoetnográfica, tanto no que diz respeito ao impacto da técnica em campo quanto a sua eficiência e limitações, serão expostas no subtópico 4.3.

Lavação da igreja

Existem alguns momentos que são considerados preparativos para festa como, por exemplo, as novenas. Entretanto, o ritual de lavação da igreja é considerado, de fato, o início da festa pela comunidade local. Acontece numa manhã de quinta-feira simultaneamente à novena. Os participantes da celebração se reúnem em frente à igreja. Tambozeiros e principalmente mulheres de comunidades rurais dão início ao ritual e quem quiser presenciar e participar é só se juntar ao grupo. Esse momento dura um dia inteiro.

Algumas pessoas aproveitam desse dia para fazerem penitência, rogando para que Deus mande chuva. Algumas sobem com pedras na cabeça, outras equilibrando balde com água na cabeça e quando chegam ao altar da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, elas colocam ali e clamam para que a santa interceda por chuva. A festa embora seja um momento de muita alegria e fartura, também é marcada por um período de muita seca.

Figura 01 - Devotas levando material para a lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 02 - Chegada de devotos com materiais para a lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 03 - Devotos segurando estandarte e tocando para preparação para lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 04 - Sino da igreja no dia da lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 05 - Tambozeiros e devotos caminham com o estandarte para a busca de água para a lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 06 - Devotos no caminho do rio para pegar água para a lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 07 - Devotos enfrentando dificuldades no caminho do rio para pegar água para a lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 08 - Devotos pegando água para a lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 09 - Trabalho colaborativo para pegar água para a lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 10 - Ato de agradecimento pela água para lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 11 - Volta dos devotos para a igreja para a lavação



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 12 - Devotos segundo caminho íngreme, carregando água para Lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 13 - Devota 1 em oração na preparação da lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 14 - Devota 2 em oração na preparação da lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 15 - Trabalho de lavação de utensílios da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 16 - Trabalho de varrição na lavação da igreja



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Cortejo

Os cortejos mobilizam bastante a cidade, é um momento sempre conduzido por muita dança e cantigas tradicionais. Nos cortejos existe o grupo de Tambozeiros e a Congada. Os tambozeiros conduzem o cortejo, decidem o trajeto e o ritmo que será tocado e consomem bebidas alcoólicas pelo caminho. No grupo dos tambozeiros, também participam as dançarinas. A congada foi o nome dado ao grupo de moradores que cantam e dançam, de uma comunidade rural de Chapada do Norte chamada Córrego da Misericórdia. Tornou-se tradição a participação da congada na festa nos cortejos pela cidade.

Figura 17 - Devota no cortejo



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 18 - Vista panorâmica do cortejo



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 19 - Cortejo seguindo pelas ruas de Córrego da Misericórdia



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 13/10/2019

Figura 20 - Dançarinas da Congada



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 13/10/2019

Quinta do Angu

Esse momento é realizado sempre em frente à casa da festeira eleita no ano e se inicia assim que os trabalhadores responsáveis pela lavagem da igreja terminam sua tarefa e chegam na casa. Essa prática é baseada em uma antiga tradição, pois o angu costumava ser servido para alimentar os trabalhadores que passavam o dia se dedicando à limpeza da igreja. O início da distribuição do angu é feito pela Rainha e os participantes da festa podem escolher qual molho querem para acompanhar o prato.

Figura 21 - Distribuição de Angu em frente à cada da festeira



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Figura 22 - Trabalho dos festeiros na Quinta do Angu



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 10/10/2019

Leilões

Os leilões ocorrem durante cinco noites e, a partir deles, são arrecadados fundos para festa. É um momento de descontração para os participantes e acontecem logo após as novenas. As comidas são preparadas com os mantimentos doados pela comunidade. As prendas doadas servem de prêmio para os lances dos leilões que são arrematados por pessoas da comunidade local e outros visitantes.

Figura 23 - Exibição do produto para o leilão



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 11/10/2019

Figura 24 - Arrematador 1 do leilão pegando sua prenda



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 11/10/2019

Figura 25 - Arrematador 2 do leilão pegando sua prenda



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 11/10/2019

Mastro

O Mastro é uma apresentação a cavalo que acontece no sábado à noite. Simboliza a disputa entre cristãos e mouros e o motivo da disputa associa-se a uma crença de que os mouros, homens brancos, teriam roubado a bandeira da Virgem do Rosário. Os cristãos são representados pela vestimenta azul e os mouros pela vestimenta vermelha. A encenação é concluída com a conversão dos mouros e os dois grupos correm a cavalo em círculo ao redor da igreja.

Figura 26 - Disputa pelo Mastro



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 12/10/2019

Figura 27 - Mouros e Cristão carregando o Mastro



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 12/10/2019

Reinado

O Reinado são os cortejos onde grande número de pessoas caminham e conduzem os reis festeiros pela cidade. O Reinado acontece duas vezes: no domingo, as pessoas buscam os reis festeiros em casa e caminham até a missa. Na segunda-feira o reinado tem intuito de passar a coroa, os chamados “reis velhos” que produziram a festa naquele ano, caminham em direção a casa dos “reis eleitos” que produzirão a próxima festa, sendo levados até a igreja onde abrem o cofre e recolhem os anuais.

Figura 28 - A Rainha festeira caminhando até a igreja para a missa de domingo



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 13/10/2019

Distribuição do doce

Assim como o angu, os doces são distribuídos na casa do festeiro, no domingo à tarde. São preparados por voluntários, trabalhadores remunerados ou pagadores de promessa e, geralmente, são doces de mamão, fava, batata-doce, laranja e cidra.

Figuras 29 - Pessoas pedindo doces na porta da casa do festeiro



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 13/10/2019

Figuras 30 - Doces caseiros feitos para distribuição



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 13/10/2019

Figuras 31 - Entrega de doces na porta da casa do festeiro



Fonte: Material da pesquisa
Local: Chapada do Norte; Data: 13/10/2019

ANÁLISE DA TÉCNICA FOTOETNOGRÁFICA EM CAMPO

“A câmera não faz diferença nenhuma. Todas elas gravam o que
você está vendo. Mas você precisa ver.”

Ernst Haas

Angrosino (2009) considera que existem alguns tipos de observadores participantes em campo, em uma pesquisa etnográfica. Acredito ser interessante

essa divisão pois, nem todos pesquisadores seguem à risca a imersão total proposta por antropólogos e claro que, pode haver diferenças nos resultados obtidos. No meu caso, por exemplo, foi viável a participação em 7 dos 11 dias do evento. Pelo ponto de vista etnográfico, me considero de acordo com as definições de Angrosino (2009, p.21) de “observador-como-participante”, que é quando “o pesquisador está um pouco desligado da comunidade, interagindo com ela apenas em ocasiões específicas, talvez para fazer entrevistas ou assistir eventos organizados”.

Para fins de análise da técnica em campo, realizarei minhas considerações a respeito das etapas efetivadas com base nas instruções metodológicas de Achutti (2004):

A fotoetnografia em campo

Esse é o ponto onde a prática e técnica com o equipamento fotográfico pode ditar a eficiência das fotografias para fins científicos. Não é simples manusear tal equipamento em diversos ambientes e situações. É necessário considerar um tempo anterior para esse aprendizado ou ir acompanhado de algum fotógrafo que tenha pleno entendimento de seus objetivos e entenda a questão etnográfica para que seu trabalho seja alinhado com o do pesquisador. O fato de eu já ser uma fotógrafa foi vantajoso, mas boa parte dos acontecimentos e rituais da festa eram com danças, músicas e muito movimento e a minha falta de prática nessas situações fez com que eu perdesse alguns momentos importantes. Ademais, foi perceptível em campo, como o equipamento certo é crucial para fotografias melhores. Isso leva a outro fator que para alguns pesquisadores pode vir a ser um limitador: o alto custo dos equipamentos fotográficos. Hoje, as câmeras dos celulares podem até ser uma alternativa, ainda assim, os celulares com boas câmeras e recursos também possuem valor elevado e considero que a câmera digital profissional traz recursos manuais importantes para algumas situações em campo que, dificilmente, poderão ser substituídas. Sobre a questão do equipamento, uma dificuldade que enfrentei foi que uma das lentes que uso para retrato (50mm), estava com defeito em seu modo de focagem, o que dificultou ainda mais as fotografias com pouca luz e as fotografias em movimento. Alguns rituais talvez pudessem ser melhores captados de uma distância um pouco maior para diminuir a intimidação decorrente do equipamento, contudo seriam necessárias lentes com maior abertura e *zoom*. Consegui constatar que se eu tivesse acesso a uma variedade maior de equipamentos, conseguiria captar mais (ou melhores) imagens.

Os procedimentos iniciais

Nos primeiros dias, participei de alguns momentos da festa sem me preocupar com o registro fotográfico como por exemplo os leilões noturnos. Nesses momentos, me aproximava de alguns moradores para perguntas sobre a festa etc. Percebi que essa prévia foi fundamental para minha ambientação e destaque

que para se fazer fotoetnografia é necessário também entender a importância dos momentos sem a câmera. Constatado que não é tão simples deixar sempre claro para a comunidade quem é você ali e quais são seus objetivos sem causar estranhamento. No meu caso, algumas pessoas sabiam que eu era parente de moradores da cidade e a presença dos pesquisadores do IEPHA que também estavam registrando a festa também facilitou já que o uso de mais um equipamento fotográfico não pareceu incômodo. Porém, em situações como a descida do tambor feita pelo congado e o mastro, é complicado avisar e informar a cada pessoa que tem uma pesquisa sendo feita. Optei por comunicar alguns dos líderes dos eventos, e quando ia entrar dentro de alguma casa eu explicava brevemente e pedia autorização para fotografar. Se por outro lado, dá para sentir que o equipamento fotográfico intimida, principalmente no meio de pessoas simples, por outro, alguns sujeitos pareciam sentir orgulho de estarem sendo registrados e davam abertura para tais registros.

O trabalho em equipe

Não foi o caso de necessitar da ajuda de um fotógrafo, porém no item 1 deixei claro como é necessário saber recorrer a cada profissional. Nós turismólogos, não somos etnógrafos, mas nossa formação nos impulsiona a nos envolvermos com a comunidade local e as diversas pesquisas feitas em campo para fins de pesquisas e elaboração de projetos. É essencial que o turismólogo recorra a entender pelo menos os princípios e técnicas básicas de uma pesquisa etnográfica se quiser fazer uma pesquisa de cunho social e antropológico e assim sair do entendimento superficial sobre outras culturas. Esse ponto pode ser algo limitador por nem sempre ser viável ter suporte de outros pesquisadores em campo, mas quando se torna possível, é uma grande vantagem frente a outras metodologias.

A iluminação

A respeito da iluminação, concordo com Achutti (2004) quando ele diz para se evitar o uso do flash pelo fato de que ele produz uma falsa realidade. Porém as vezes ele se faz necessário devido às limitações de equipamento para suprir a falta de luz. Existem ferramentas de edição de imagens, capazes de aproximar a fotografia da realidade do momento registrado. Pois nem sempre a câmera consegue captar com fidelidade.

Um fator extremamente vantajoso da técnica de uso da luz como “expressão” da realidade, é o tanto que ela tem a capacidade de transmitir a exata sensação ou percepção do clima. Em algumas fotografias que fiz, é nítido que o clima estava extremamente quente, algumas vezes eu até preferi não diminuir a entrada de luz na câmera, propositalmente, mesmo sabendo que prejudicaria a estética da foto, mas que por um outro lado, transmite uma sensação maior de como estava o clima no momento registrado. Tais sensações podem ser transmitidas nas imagens, com uma eficácia muito maior que os textos muitas vezes.

A seleção das fotografias

De fato, Achutti (2004) tem razão em afirmar que não se deve apressar em fazer a seleção das fotos. Eu só percebi a importância de algumas fotografias nos últimos dias da festa. No início do registro fotográfico, a tendência é começarmos a fotografar apegados à estética das imagens. Não que as imagens não devam ser esteticamente atraentes, porque é importante que elas sejam atrativas para o leitor, mas, na hora de fazer a seleção das fotos começamos a perceber que as aquelas mais relevantes, nem sempre serão as esteticamente melhores.

A seleção das fotografias e sua composição segue uma racionalidade no sentido de conduzir o leitor pela narrativa. Além disso, sua composição busca auxiliar a percepção de alguns aspectos. Por exemplo, quando comparamos a Figura 06 com a Figura 07, as duas fotografias registram uma mesma situação, tambozeiros e participantes da comunidade, descendo em direção ao rio para buscar água e pagar promessa pedindo chuva como parte do ritual para lavagem da igreja. Contudo, observa-se que a figura 06 transmite um clima mais angustiante, pessoas descendo concentradas e a terra seca fica mais evidente, ao passo que a Figura 07 retrata cores vivas e crianças alegres brincando em meio a poeira. Era exatamente essa dualidade que pretendi retratar pois, esse foi um ano de muita seca, o rio se encontrava totalmente seco e embora senti que exista esse sentimento de tristeza por essa situação, as pessoas conseguem participar do rito com alegria. Outro exemplo é a Figura 20 que retrata a distribuição do Angu. Devido à quantidade de elementos contidos no registro, percebi que as fotografias desse momento, deixavam o leitor sem saber para onde olhar e o que observar, então converti a Figura 20 para o monocromático para focar a atenção do leitor nas expressões das pessoas recebendo o alimento e nas mãos estendidas. Além disso, queria ressaltar a aglomeração de pessoas que é extremamente característica desse momento.

Algumas questões de deontologia

Esse ponto foi um dos que falhei em campo e sinceramente penso ser um dos mais complexos para o tipo de experiência que me propus. Ao fotografar momentos com grande número de participantes como a distribuição do angu, o mastro e distribuição do doce, poderia ter solicitado auxílio de pelo menos mais uma pessoa já que é difícil fotografar a movimentação e pegar autorização das pessoas, sendo necessário um retorno para esse fim. Pontuo também que, quando senti que a minha câmera estava constrangendo alguém, eu abria mão do registro.

A partir da apresentação da narrativa fotoetnográfica e verificação de suas percepções em relação ao evento retratado, destaco que fica nítido que “[...] a fotografia, antes de tudo, é uma linguagem, um sistema de códigos verbais ou visuais, um instrumento visual de comunicação. E toda linguagem nada mais é do que um suporte, um meio, uma base que sustenta aquilo que realmente deve ser dito: a mensagem” (Santos Júnior & Santos, 2007, p.10). A mensagem, a sua vez, é uma derivação dos sentidos conotativos e denotativos que lhe são atribuídos o que leva a novas possibilidades que não se limitam ao referente ou ao momento “congelado”. Além disso, “o que faz a fotografia ser ou não etnográfica

não é necessariamente a intenção no momento em que ela é tirada, e sim o fato de utilizá-la de forma etnográfica para informar aqueles que a olham” (Scherer, 1995, p. 201 apud Achutti, 2004). Com isso, entendo que estar imerso na cultura do destino turístico pesquisado é a forma mais honesta de se compreender uma cultura e realizar um registro fotoetnográfico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A fotografia é a poesia da imobilidade:
é através da fotografia que os instantes deixam-se ver tal como são.”

Peter Urmenyi

Buscamos no presente trabalho apresentar uma discussão sobre a adequação da fotoetnografia enquanto recurso metodológico útil ao desenvolvimento de pesquisas acadêmicas na área de Turismo e Hospitalidade, especialmente quando há ênfase em manifestações socioculturais. Para esse fim foi realizada uma discussão teórica, seguida de uma aplicação empírica na “Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos” em Chapada do Norte (MG). A partir da junção de ambas as etapas são tecidas as considerações que seguem.

Uma vez que a fotoetnografia é uma técnica etnográfica específica, ela precisa seguir, pelo menos, o que a etnografia considera primordial: descrever com honestidade, clareza de dados e sensibilidade, uma cultura. As metodologias etnográficas podem nos ajudar a entender melhor os fenômenos turísticos uma vez que, a atividade turística lida constantemente com relações sociais e culturais, com o olhar sobre o outro e com a aproximação de realidades estranhas. É impossível existir turismo sem lidar com o espaço do outro, até porque, mesmo que o turista não realize trocas sociais ao exercer uma atividade turística, ele lida direta ou indiretamente com questões históricas ou territoriais.

Utilizar a imagem como “fulcro central do fazer científico” (Cavedon, 2005) mostrou-se uma abordagem ao mesmo tempo instigante, por requerer um exercício do olhar e sensibilidade para captar e construir a narrativa por meio das fotografias; quanto desafiadora, por requerer a conjugação de técnicas fotográficas e etnográficas em uma proposta ainda não contumaz no meio acadêmico em questão. Esse exercício, contudo, foi percebido como bastante profícuo, uma vez que, diante das etapas teórico e práticas apresentadas, pode-se perceber a potencialidade da metodologia apresentada para os estudos de Turismo e Hospitalidade, pois através dela é possível captar com maior sensibilidade o olhar não só do pesquisador sobre determinado lugar, mas também do morador local e dos turistas. Os benefícios percebidos e possibilidades de aplicações futuras em pesquisas da área são em suma:

- Potencial descritivo da cultura estudada, bem como seus eventos, atrativos, patrimônios, peculiaridades etc. Se revela uma ferramenta eficiente que, dependendo do objetivo da pesquisa, evidencia significados que o próprio texto não é capaz de transmitir.
- As pesquisas turísticas de cunho social que utilizam da técnica fotoetnográfica, além de se equiparem de uma variedade de olhares através da experiência visual, dialoga com áreas dentro do campo antropológico, intensificando

seus resultados. O fato de revelar informações e despertar sentimentos e impressões que entrevistas não são capazes, faz com que não seja excluída às outras ferramentas e sim complementar, potencializando a ainda mais as análises.

- Quando utilizada de forma correta, seguindo rigor e ética metodológica e buscando revelar a realidade estudada com “compromisso com a perspectiva do outro, com suas palavras e com a própria aprendizagem do etnógrafo no campo” (Caiafa, 2019, p.39), trará ao pesquisador dados reais muito eficientes, dando-lhe a possibilidade de elaborar planejamentos turísticos baseados na singularidade daquela cultura e em questões intangíveis e imateriais.
- A metodologia aproxima o pesquisador dos atores pesquisados, podendo ser construída de forma conjunta e acessível para ambos (pesquisador e sujeitos de pesquisa). É possível, por exemplo, que o pesquisador escolha alguns moradores para registrar com seu próprio olhar algo que o pesquisador esteja querendo identificar, assim como é possível fazer esses registros com turistas, tudo depende do foco da pesquisa e de como eles serão orientados. É possível inclusive que, em uma mesma pesquisa seja feita a fotoetnografia por esses três agentes ou mais, para que se obtenha uma visão mais aprofundada por diferentes perspectivas.
- Entende-se que a metodologia auxilia na fidelidade sobre o registro da realidade percebida, uma vez que o registro é efetivado não de forma jornalística afastada, mas sim a partir da perspectiva do participante (pesquisador, morador do local, participante do evento, turista, etc.), conferindo credibilidade aos dados apresentados.

Observou-se que, assim como qualquer metodologia, a fotoetnografia também possui limitações. Para sua adequada execução é necessária atenção e recursos decorrentes do uso de equipamentos fotográficos e técnicas específicas que não se restringem aos registros fotográficos, mas em como, quando e porque fazê-los.

O método fotoetnográfico eleva as fotografias a um nível de importância não só documental e ilustrativo, como corrobora com a compreensão de elementos importantes para a área Turismo e Hospitalidade como as construções identitárias, estruturas e relações socioculturais. A etapa empírica do presente trabalho esteve voltada para um fenômeno social e cultural e assim a considerou-se a metodologia pertinente e adequada, indica-se que outras pesquisas sejam desenvolvidas com fotoetnografia para investigação e avaliação de fenômenos e espaços naturais.

Ao se permitir o conhecimento, utilização e conseqüente aprimoramento de pesquisas científicas que extrapolam o paradigma positivista, acredita-se que a fotoetnografia permite a obtenção de resultados mais sensíveis à realidade de cada comunidade, sendo úteis ao desenvolvimento de propostas, estratégias e ações turísticas que acolham o visitante e reafirmem a identidade local. Por fim, destaca-se que a narrativa fotográfica pode, e deve, se somar a outras formas de narrativa de forma que o seu conjunto possibilite um entendimento mais intimista, profundo e, ao mesmo tempo, observando-se o rigor científico dos métodos de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Achutti, L. E. R. (1997). *Fotoetnografia*. Porto Alegre: Tomo Editorial Palmarinca.

- Achutti, L. E. R. (2004). *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre: Tomo Editorial.
- Andrade, R. de. (2002). *Fotografia e Antropologia: Olhares Fora-dentro*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Angrosino, M. (2009). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed.
- Balomenou, N., & Garrod, B. (2014). Using volunteer-employed photography to inform tourism planning decisions: A study of St David's Peninsula, Wales. *Tourism Management*, 44, 126-139. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.02.015>
- Bandyopadhyay, R. (2011). A photo ethnography of tourism as neo-colonialism. *Annals of Tourism Research*, 38(2), 714-718. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2010.12.003>
- Banks, M. (2009). *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Boni, P. C., & Moreschi, B. M. (2007). Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. *Doc On-line*, (03), 137-157. http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf
- Caiafa, J. (2019). Sobre a etnografia e sua relevância para o campo da comunicação. *Revista de Epistemologias Da Comunicação*, 7(14), 37-46. <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/19775>
- Campos, S. M. C. T. L. (1996). A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (6), 275-286. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.1996.109274>
- Cantalice, A. D. S., & Alencar, N. L. (2019). Photoethnography of Ceramic Craftsmen From Teresina, Piauí, Brazil. *Ethnoscintia*, 4(1). <https://doi.org/10.22276/ethnoscintia.v4i1.202>
- Cavedon, N. R. (2001). Recursos Metodológicos e Formas Alternativas no Desenvolvimento e na Apresentação de Pesquisas em Administração. *ANAIS do XXV ENANPAD*. <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2001-epa-192.pdf>
- Cavedon, N. R. (2005). Fotoetnografia: a união da fotografia com a etnografia no descortinamento dos não-ditos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 12(35), 13-27. <https://doi.org/10.1590/S1984-92302005000400001>
- Da Fonseca, S. M. M., Da Silva, A. P., & Leite, E. F. (2018). Fotoetnografia: Uso e Possibilidades como Método de Pesquisa em Administração. *Discursos Fotográficos*, 14(24), 171-199. <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2018v14n24p171>
- Eckert, C., & Rocha, A. L. C. (2008). Etnografia: Saberes e Práticas. *Illuminuras*, 09(21). <https://doi.org/10.22456/1984-1191.9301>
- Elicher, M. J., Fraga, C. & Moraes, C. (2021). Como a fotografia é abordada na produção científica sobre o turismo no contexto Iberoamericano? Um estudo baseado em análise textual. *Dos Algarves: A Multidisciplinary e-Journal*, 39, 52-70. <https://doi.org/10.18089/DAMEJ.2021.39.4>
- Ferrarini, L. (2020). Photographing as an anthropologist: notes on developing a photo-ethnographic practice in Basilicata. In L. Ferrarini & N. Scaldaferrri (Eds.), *Sonic Ethnography: Identity, heritage and creative research practice in Basilicata, southern Italy* (pp. 169-186). Manchester University Press.
- Hermansen, P., & Fernández, R. (2020). Photo-ethnography and Political Engagement: Studying performative subversions of public space. *Dearq*, 26, 100-109. <https://doi.org/10.18389/dearq26.2020.11>
- Godoy, K. E., & Leite, I.S. (2019). Turismo e fotografia: um estudo bibliométrico sobre o uso de metodologias de análise da imagem nas pesquisas em turismo. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 13 (3), 71-91. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v13i3.1573>

- Garrod, B. (2008). Exploring place perception: A photo-based analysis. *Annals of Tourism Research*, 35(2), 381–401. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2007.09.004>
- Garrod, B. (2009). Understanding the relationship between tourism destination imagery and tourist photography. *Journal of Travel Research*, 47(3), 346–358. <https://doi.org/10.1177/0047287508322785>
- IBGE. (2010). *Estimativa Populacional*. Referenciado de: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/chapada-do-norte/panorama>>. Acesso em: 3 out. 2019.
- IEPHA. (2013). *Cadernos do Patrimônio Imaterial: Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Chapada do Norte*. Belo Horizonte: IEPHA.
- Kay, R. C. S. (2019). In With the Old: Community Participation in Heritage Management in Selected Malaysian Tourist Sites. *Journal of Southeast Asian Studies*, 24(2), 131–154. <https://doi.org/10.22452/jati.vol24no2.8>
- Laplantine, F. (2003). *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense.
- Lima, F. S. (2005). Projeto Fotoetnográfico Ilha dos Marinheiros: a utilização da fotografia como método de pesquisa. In. *Anais do XXVIII INTERCOM Júnior*. Rio de Janeiro: UERJ. <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/137087839453435688731803753877224767610.pdf>
- Lima, I. (1988). *A fotografia é a sua linguagem*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.
- Lo, I. S., McKercher, B., Lo, A., Cheung, C., & Law, R. (2011). Tourism and online photography. *Tourism Management*, 32(4), 725–731. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.06.001>
- Malinowski, B. (1984). *Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural.
- Manosso, F. C. & Gândara, J. M. (2016). La materialización de la experiencia en el espacio urbano-turístico a través de las fotografías online: Un Análisis en la Red Social Instagram. *Estudios y perspectivas en turismo*, 25(3), 279-303. <https://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V25/N03/v25n3a03.pdf>
- Magnani, J. G. C. (2009). Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, 15(32), 129–156. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832009000200006>
- Mendes, G. F.; Branco, P. G. G. & Coelho, I. M. (2010). *Curso de Direito Constitucional*. 5ª ed. São Paulo: Saraiva.
- Nickel, D. R. (2014). ‘Impressed by nature’s hand’: Photography and authorship. In. Hershberger, A. E. *Photographic Theory: An Historical Anthology*. (pp.399-405). United Kingdom: Wiley.
- Nguyen, A. (2021). Capturing Photo Narratives in Short-Term Study Abroad. *Frontiers: The Interdisciplinary Journal of Study Abroad*, 33(1), 187–205. <https://doi.org/10.36366/frontiers.v33i1.517>
- Santos, P. M. (2016) Crossed gazes over an old city: photography and the ‘Experientiation’ of a heritage place. *International Journal of Heritage Studies*, 22(2), 131-144. <https://doi.org/10.1080/13527258.2015.1108925>
- Santos Junior, A.P. dos, & Santos, A. C. F. dos. (2007). Arte e turismo: a fotografia como instrumento de trabalho do turismólogo contemporâneo. *Observatório de Inovação do Turismo*. 3 (2), 1-13. <https://doi.org/10.17648/raoit.v2n3.3603>
- Santos, P. L. dos. (2000) A imagem enquanto fonte de pesquisa: a fotografia publicitária. *Revista Cesumar*, 2 (2), 63-68. <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/icesumar/article/view/27>

Scherer, J. (1995). Documento fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, (3). <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-3.-Constru%C3%A7%C3%A3o-e-an%C3%A1lise-de-imagens.pdf>

Wright, C. (2018). 'Photo-ethnography'. In *Anthropology Beyond Text*, ed. Hilary Callan and Rupert Cox, 1–5. *The International Encyclopedia of Anthropology*. New York: Wiley-Blackwell. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781118924396.wbiea2017>.

Recebido em: 17/12/2020

Aprovado em: 05/08/2021

CONTRIBUIÇÕES

Anna Carolina Fernandes Serra: Definição do problema de pesquisa e objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, coleta e análise de dados, elaboração de tabelas, gráficos e figuras, redação do manuscrito e fotografias.

Danielle Fernandes Costa Machado: Definição do problema de pesquisa e objetivos, desenvolvimento da proposição teórica, escolha dos procedimentos metodológicos, análise de dados e revisão crítica do manuscrito.

Mirna de Lima Medeiros: Realização da revisão bibliográfica e fundamentação teórica, análise de dados, revisão crítica, redação e adequação do manuscrito às normas da RTA.